

Judite Cília é designer gráfica e apaixonada por todas as formas de expressão artística. É o cinema que acaba por desempenhar um papel significativo na sua carreira profissional.

Iniciou a sua formação na Escola Artística António Arroio, tendo posteriormente trabalhado durante dez anos (de 1964 a 1974) em França, nas agências publicitárias Publicis e Impact, antes de regressar a Portugal, após o 25 de Abril de 1974. Foi o cartaz *Veja Cinema Português*, desenvolvido para a Secretaria de Estado da Cultura a convite do seu diretor entre 1975-1976, Eduardo Prado Coelho, que motivou o convite para integrar a equipa do IPC - Instituto Português de Cinema, em 1977. O IPC fora fundado dois anos antes, como instituição estatal de apoio à produção cinematográfica. Até então, a nova geração de realizadores era financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, através do Centro Português de Cinema.

Ao longo dos vinte e dois anos em que trabalhou no IPC, Judite Cília foi responsável não só pelo design gráfico de dezenas de cartazes de filmes portugueses, como também pelos dossiers de imprensa de alguns deles, pelos cartazes para ciclos, festivais e mostras de cinema, e pelos catálogos anuais de produção cinematográfica em Portugal, editados pelo IPC. Embora os realizadores e produtores tivessem total liberdade para escolher o designer com quem queriam trabalhar, o seu cargo no IPC colocava-a no “epicentro” do meio cinematográfico português e, conseqüentemente, mais suscetível a desenvolver laços profissionais e de amizade com diversos realizadores que a desafiavam a apresentar propostas para cartazes. Por norma, estes artefactos nasciam de um compromisso entre a visão e a leitura que a designer fazia do filme e os desejos e aspirações dos realizadores — colaborou com quase todos os nomes que marcaram o cinema português no último quartel do século XX: Luís Couto, António de Macedo, Manoel de Oliveira, Rogério Ceitil, Arthur Duarte, Lauro António, João Mário Grilo, José Álvaro Morais, Ricardo Costa, entre outros.

Observa-se nos cartazes de Judite Cília uma marca autoral indelével: distinguem-se, fundamentalmente, pelas metáforas e simbolismos que os perpassam, uma retórica visual que reflete não só um acerto com as tendências gráficas que se observam noutros cartazes deste período — onde estavam patentes influências do modernismo gráfico da Bauhaus e do Estilo Internacional —, mas também uma visão pessoal e subjetiva, pautada por algum humor, por ironia e elegância. Não obstante, denota-se diversidade na

forma como os cartazes são resolvidos: a designer recorria à (des)construção de várias maquetes, ao recorte, colagem, ampliação, digitalizações sequenciais para a criação de texturas específicas e composições; acompanhando posteriormente as provas de impressão e tiragens finais. Entre a fotografia, a ilustração ou uma técnica mista, a tipografia — onde confessa especial preferência pela fonte Times New Roman — surge integrada nas composições privilegiando a clareza e legibilidade. Foi também das primeiras designers portuguesas a assinar os seus cartazes, utilizando termos como “grafismo” ou “execução gráfica”.

Entre 1982 e 1998, foi responsável pela conceção dos *stands* da comitiva portuguesa no Festival de Cannes e também pela imagem gráfica da iniciativa *Cinéma Portugais* (exposição e mostra de filmes), que decorreu no Centro Georges Pompidou, em Paris, entre 31 de Março e 7 de Junho de 1982, fruto de uma colaboração entre o IPC e a Cinemateca Portuguesa. Também para a Cinemateca Portuguesa, Judite Cília concebeu capas e o design editorial de livros editados por aquela instituição e por investigadores e historiadores portugueses, sobre um vasto leque de temas ligados à Sétima Arte e à cinefilia. Trabalhou sempre em estreito diálogo com os três diretores da Cinemateca: Manuel Félix Ribeiro (até 1982), Luís de Pina (1982-1991) e João Bénard da Costa (a partir de 1991). Paralelamente, desenvolveu projetos para teatro (destaque para os cartazes feitos para a Casa da Comédia), música (principalmente os discos de Luís Cília, mas também de outros cantores e compositores), literatura (diversas capas para editora ALAC: África-Literatura, Arte e Cultura) e uma multiplicidade de iniciativas, eventos e publicações de natureza artística e/ou sociocultural. Desenvolve até ao presente projetos como designer gráfica, a partir da sua residência, em Lisboa.

O despreendimento e a humildade com que fala dos seus trabalhos (e da sua carreira) apenas são equiparáveis à generosidade e simpatia com que recebe e conversa acerca da magia dos filmes, das histórias e memórias que partilhou com amigos e conhecidos do meio cinematográfico e artístico, da curiosidade e entusiasmo com que encara o presente e o futuro do cinema e das artes gráficas. Se cada cartaz de Judite Cília é um convite irrecusável para descobrir o respetivo filme, os seus cartazes foram também um convite para poder conhecê-la pessoalmente e ter conversas de horas que pareceram breves minutos.

Igor Ramos, 2021